

## CORPOS ABJETOS EM ERRÂNCIA: A CONFLUÊNCIA ENTRE JOÃO GILBERTO NOLL E DANIEL GALERA

GABRIEL DIAS MORALES<sup>1</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – tec.gabrielmoraes@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – alfeu.spareemberger@outlook.com

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa a apresentar um recorte de análise realizado na dissertação intitulada “Corpo, abjeção e erotismo em *A céu aberto*, de João Gilberto Noll, e *Mãos de cavalo*, de Daniel Galera”, defendida em 2024. A dissertação discutia o entrelace entre João Gilberto Noll e Daniel Galera na composição artística de representação de crise e constituição de identidade pós-moderna, sob o uso do corpo centrado na abjeção e no erotismo, em dois romances: *A céu aberto* (1996) e *Mãos de Cavalo* (2006). Através de análise bibliográfica, buscou-se pensar as formas de categorização identitária, suas relações com o corpo, a abjeção e o erotismo, bem como suas manifestações sociais e literárias. Nesse percurso, destacou-se que as obras de João Gilberto Noll e Daniel Galera exploram estratégias de subjetivação textual que acentuam o sentimento de deslocamento e de fuga, ora evidenciando a busca por uma identidade, ora a transformação contínua do Eu diante do mundo e da alteridade, compondo um sujeito em constante oscilação entre si mesmo e o Outro, numa fusão que materializa a indefinição da pós-modernidade. O corpo surge, assim, como elemento de convergência entre os romances, pois sua materialidade se configura como a única referência tangível em meio a mundos e identidades instáveis, fragmentadas e em metamorfose aos olhos dos protagonistas. É nele que se projetam suas angústias identitárias, marcadas por violências sexuais e práticas de automutilação; pelo vômito, gozo, excreções, suor e sangue, o corpo se torna linguagem. Nesse cenário, a abjeção e o erotismo funcionam como recursos de compreensão dessas vivências corporais.

Para este recorte da análise, escolheu-se focar no aspecto da abjeção física e psicológica percebida em ambos os romances. A partir da noção de abjeção desenvolvida por Kristeva (1982) — que diz respeito à expulsão dos resquícios do Outro no Eu, construindo os limites do Eu e, por consequência, a sujeição —, e a de abjeção social por Butler (2000; 2003), que expande a de Kristeva para denotar que, em caráter social, há a disposição de “seres abjetos” no processo de exclusão que faz parte da constituição de sujeitos em sociedade, explorou-se as manifestações literárias de Noll e Galera.

Em *A céu aberto*, de Noll, acompanhamos um protagonista não-nomeado, abjeto, que centra sua identidade no seu irmão-mais-novo, em um processo de errância por um país não-nomeado imerso em uma guerra incerta. Disso, vemos um corpo abjeto em constante inconformidade identitária, sendo interpelado eraticamente através de violências identitária-sexuais que se alastram pelas páginas, denotando uma crise subjetiva forte. Já em *Mãos de Cavalo*, de Galera, acompanhamos Hermano em sua adolescência e vida adulta, à medida que transita pelos espaços em que vive — o bairro Esplanada —, e entra em conflito com as expectativas sociais atreladas ao seu gênero a partir dos entretenimentos culturais que ele consome. Há a demarcação de um corpo artificial

cuidadosamente criado que esconde um fascínio pela mutilação como apreensão de si.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho, de caráter exploratório, foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica-qualitativa, utilizando as teorizações referentes ao pós-modernismo de Hutcheon (1991), Villaça (1996) e demais autores, bem como estudos sociológicos de Bataille (2021), Kristeva (1982), Bauman (2021), Han (2017), entre outros, para refletir quanto às categorizações identitárias e suas manifestações em sociedade. Além disso, para a análise do objeto, este estudo abarcou investigações da área da literatura brasileira contemporânea.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *A céu aberto*, observa-se a marca da abjeção social, que reduz o protagonista e suas imagens-pretendidas a *corpos-abjetos* sem identidade. Nesse processo, a constituição do Eu ocorre pela submissão ao Outro, sobretudo por meio da violência sexual, que lhe confere uma identidade subalterna. O corpo, então, torna-se o espaço de expressão dessa condição, manifestando-se em suor, vômito, excrementos, sangue e gozo.

A abjeção social e a condição errática do protagonista-narrador e de seu irmão são percebidas logo na abertura do romance. Os personagens se encontram em situação de miséria, sob condições de pedintes morando em galpões abandonados, sem comida ou medicamentos, com estado de saúde comprometido. Nota-se que, embora tenham um familiar de uma hierarquia social superior – o pai, que atua como general na guerra –, encontram-se abandonados à própria sorte no cenário narrativo, visto que “na guerra os soldados pouco estão selixando para crianças avulsas e incógnitas” (NOLL, 2008, p. 11). Esse estado incógnito fornece-lhes abjeção, como párias sociais que são deixadas de lado, esquecidas, ou usadas para servir o sistema de adequação imposto por *corpos não-abjetos*, isto é, sujeitos. O protagonista é consciente de sua *falta de identidade*; ele próprio reconhece a falta de informações de registro, por exemplo, como seu ano de nascimento ou nome, já que seu pai não achava isso importante. Diante disso, ele tenta mascarar sua *forma oca* na de seu irmão-mais-novo (e demais personagens, voluntariamente ou não), centrando-a na incorporação de sua identidade.

Com isso, adentra-se em uma perspectiva hedonista do corpo – no ato de perder-se, de preencher-se, de devorar-se –, na qual sua constituição advém da assimilação e do reflexo do todo a sua volta, construído pela sua percepção. Como aponta Hartmann (2011, p. 71, grifos do autor): “o narrador em *A Céu Aberto* se mostra como esse narrador que busca autenticidade na experiência observada no outro, um *voyeur* das ações alheias”. No romance, encontra-se um protagonista que desesperadamente quer declinar essa posição, mas que não consegue. Sua *situação abjeta* o faz ser transpassado por todos, em uma experiência angustiosa que o destrói pouco a pouco. Ele se mostra perdido em seu Eu, que serve como espelho ao mundo. De tudo, trata-se de um espelho quebrado, gasto pelo uso, desintegrando-se nessa correnteza do Outro em si, fragmentando-o de modo forçado para a incorporação de uma identidade.

Essa condição é apresentada no romance por meio de um fluxo de consciência em que o personagem principal reflete e põe em xeque sua individualidade perante sua *situação abjeta*, à medida que compara a sua *ausência de identidade* com as constituições identitárias a sua volta.

A crise identitária é ressaltada, ainda, pelo sexo e pelo gozo. De acordo com Bataille (2021), no ato erótico há um compartilhamento identitário voluntário, no qual o Eu e o Outro dissolvem-se em si, incorporando partes dos dois, compondo uma amálgama identitária. Num contexto de abjeção, no entanto, o Eu não se dissolve; pelo contrário, ele é ignorado e excluído, deixando apenas o Outro no ser, em uma violência sexual-identitária. A abjeção acarreta um sistema de dominação e submissão. O *sujeito* deve submeter o *ser abjeto* a seu controle. Com intenção identitária, o ato erótico serve como uma imposição de uma norma sob o *corpo abjeto*. Desse modo, afixa-se a identidade do Outro no Eu pela violência sexual. É através do consumo dos fluídos sexuais do Outro, portanto, que a absorção identitária se fundamenta, visto que é da *forma abjeta* do Outro que o Eu se familiariza e se seduz. Ela tanto o dá forma como o pulveriza (KRISTEVA, 1982). A *forma oca* do personagem é preenchida no ato erótico. A identidade é *fossilizada* através do gozo, bem como a compreensão dela pelo protagonista e de todos que a circundam. A obra demarca esse desejo de querer se desvincilar do Outro, compor-se como sujeito. Porém, não é bem sucedido, levando ao anseio pela morte. A errância e o exílio são postos como solução.

Na leitura de *Mãos de Cavalo*, observa-se uma crise identitária desencadeada pela expectativa sociocultural de performatividade de gênero, a qual gera no protagonista uma experiência de abjeção psicológica. Entre os jovens retratados no romance, a conduta masculina idealizada se apoia em representações midiáticas – quadrinhos, filmes de ação, videogames – que projetam a figura do Outro e instituem um padrão de masculinidade a ser seguido. Essa imagem é marcada por um corpo dotado de força exacerbada, insensível à dor, resistente e sexualmente dominante. Tal modelo colide com a percepção que Hermano tem de si, impondo-lhe a sensação de inadequação e abjeção. Em resposta, constroem-se identidades artificiais na tentativa de alcançar uma adequação identitária.

A masculinidade que Hermano busca sustentar revela-se, porém, aprisionada nas normas de diferenciação sexual e nas expectativas de gênero (BUTLER, 2000; 2003), que legitimam apenas certos comportamentos como aceitáveis. Aliada à influência onírica e idealizada dos produtos culturais consumidos pelos jovens, essa normatividade aprofunda o sentimento de insatisfação identitária. Psicologicamente, Hermano não se reconhece como homem, e, por conseguinte, não se sente sujeito. Encontra-se, então, em estado de abjeção, em confronto com a imagem cultural que lhe é imposta. O paradoxo reside no fato de que, ao tentar moldar-se ao ideal *abjetado*, acaba por tornar-se esse mesmo abjeto. É nesse processo que recorre à automutilação, como forma de construir uma identidade que performe virilidade.

Forma-se, assim, uma espiral identitária: busca-se um ideal de solidez do Eu, mas ele nunca se concretiza plenamente. O conflito emerge da distância entre sua autoimagem, a identidade projetada pelo Outro e a forma como é percebido pelos pares. Ao refletir sobre si, Hermano percebe-se dividido entre três instâncias: quem é, quem acredita ser e quem os outros enxergam. Para dissolver a abjeção que o consome, constrói uma identidade artificial que corresponda à expectativa do Outro. Desse modo, o romance evidencia a tensão entre a *imagem do Eu*, a *imagem abjetada* e a *imagem pretendida*.

Nesse sentido, o corpo assume papel central nesse embate, tanto por ser o suporte simbólico da virilidade – expressa na tenacidade física – quanto por ser a fronteira entre subjetividade e realidade. Hermano entende que sua única

habilidade é destruir-se, ferir-se, sangrar, de modo a atingir seu ideal viril. Sua imagem abjetada leva-o a um duplo movimento: por um lado, impulsiona-o ao desespero de adequação; por outro, conduz à autodestruição. O desejo de aniquilar o corpo resulta da tentativa de fusão entre o Eu e o abjeto, eliminando limites identitários. Contudo, o paradoxo é inevitável: sem o Outro não há Eu; sem o abjeto não há objeto. Hermano está preso a essa espiral, na qual a unidade identitária só seria possível pela destruição do Eu e de seu oposto – mas são justamente essas instâncias que o constituem. Nesse sentido, a dor e o risco de morte funcionam como anestesia para sua angústia, pois se revestem de um valor viril que, em última instância, apenas reforça a *imagem pretendida*. Apenas na aceitação do trauma identitário advindo da inabilidade de apreensão desse ideal, da *imagem pretendida* do Outro, irreal, bem como da incorporação plena da sua *imagem do Eu*, isto é, quem ele é de fato, que sua abjeção pode ser dissolvida.

#### 4. CONCLUSÕES

Entende-se, portanto, que a composição dos dois romances promove o desejo de se desprender da relação da interdependência entre o Eu e o Outro, do *objeto* e *abjeto*. Porém, é impossível desintegrar essa relação. O Eu sempre estará interpelado pelo Outro, tendo suas fronteiras desafiadas. Deve-se aceitar essa angústia, porque é nela que ambos são formados.

No protagonista de Noll, essa relação aparece como submissão: ele se reconhece apenas como errante, preso à transitóridade entre si e o Outro. Já em Galera, manifesta-se na ilusão de controle, quando o personagem busca preencher-se voluntariamente com o Outro, moldando sua identidade a partir de produtos culturais e figuras idealizadas. Isso o conduz ao fingimento, ao invés da autenticidade. Ambos os casos apontam para a impossibilidade de resolução da identidade na pós-modernidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. [1957].
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. [2000].
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GALERA, Daniel. **Mãos de cavalo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017a.
- HARTMANN, Giuliano. **Vida fluída e escrita perversa: a questão identitária em A céu aberto de João Gilberto Noll**. Dissertação de Mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- KRISTEVA, Julia. **Powers of Horrors: An Essay on Abjection**. Tradução Leon S. Roudiez. Nova Iorque: Columbia University Press, 1982.
- NOLL, João Gilberto. **A céu aberto**. Rio de Janeiro: Record, 2008. [1996].
- VILLAÇA, Nizia. **Paradoxos do pós-moderno**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.